

CURSO BOHOSLAVSKY

ROLO 3

1ª AULA, 05/02/1975

Dante Moreira Leite:

Em nome da diretoria do Instituto¹ gostaria de manifestar minha alegria pela presença do professor Rodolfo Bohoslavsky, e manifestar minha alegria também pelo interesse que seu curso despertou entre nós.

Eu já vi muita gente espantada com a fisionomia do Rodolfo, porque, todo mundo que é autor de livro parece que deve ter pelo menos uns 75 anos (risos), e ele tem um pouco menos que isso. Então vocês que conhecem, naturalmente, por escrito de livros, vão ter a oportunidade de conhecê-lo pessoalmente.

Então eu estou dando as boas-vindas ao professor Rodolfo em nome do Instituto, e dando as boas-vindas àqueles que se inscreveram neste curso.

Só um aviso ainda, eu gostaria que, aliás, acho que o Rodolfo também gostaria, que a aula começasse a partir de amanhã exatamente às 17 horas, se não fica um pouco difícil o trabalho.

Rodolfo Bohoslavsky:

Quero me desculpar por não conhecer suficientemente bem português, e não poder dirigir-me a esta classe em seu Idioma. Mas ocorre o ocorre o seguinte, há três anos dei aulas no Rio de Janeiro, e uma semana depois de começar animei-me a falar em português, e estava muito feliz falando em português, quando alguém me pediu para continuar falando em espanhol (risos), que me entendiam muito melhor.

Para terminar a apresentação, compreendo e leio português, mas não escrevo nem falo português. E assim vamos nos entender melhor. Então, vou falar cada vez menos, à medida que corra o curso.

Queria começar agradecendo à professora Magui que foi a ponte que me permitiu estar aqui para este Curso. Que se moveu, não sabem como, mas que finalmente conseguiu que eu pudesse vir.

Como o curso é de Estratégia Clínica em O. V.², e certamente, vocês estão acostumado que todos os Cursos que se chamam de clínicos iniciem-se com introduções teóricas sobre como se devem entender a Clínica, e quando chegam à parte de se dedicar à clínica não há tempo para continuar.

Eu decidi começar, exatamente ao contrário, vou começar com um caso, com o caso de Alejandro.

A.³ irá ajudar-me bastante em todo o curso. Iremos mergulhar em uma porção de problemas teóricos e técnicos que despertam na O.V. de A.

Chamou-me por telefone alguém com uma que me chamou a atenção por ser bastante adulta, até o ponto de perguntar-lhe se era ele o interessado, em ter uma entrevista comigo, ou se me procurava para que eu atendesse ao seu filho.

Fixamos um horário, lamentavelmente eu tive de mudar o horário da entrevista. Quando telefonei para fazer a mudança atendeu-me uma mulher que estava inteirada de quem era eu, e de para que era a entrevista que A. havia solicitado. Este é um dado importante como iremos ver.

¹ Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

² Onde estiver escrito O.V. leia-se Orientação Vocacional

³ Onde estiver escrito A. leia-se Alejandro, o adolescente atendido por Bohoslavsky

A. chega à consulta, é um jovem bastante grande fisicamente, com cara de bebê. E impressiona-me muito seus olhos, que também é um tema importante, como iremos ver, pois são muito pequenos, e estão muito juntos em sua face, inclusive seu aspecto de bebê tem relação com esta característica.

Possivelmente porque eu estava impressionado com sua voz adulta, comecei a tratá-lo de tu e não de você.

Eu lhe perguntei a que vinha, e me disse:

A.: “Venho ver se descubro alguma vocação”.

Pergunto se havia pensado algo? e:

A.: “Pensei em Engenharia Aeronáutica, e também pensei em muitas outras coisas, porque Engenharia Aeronáutica teria de estudar em La Plata, a Universidade de La Plata; e tenho medo que não me deixem, porque, bem, porque eu vivo num ambiente, onde a Aeronáutica tem muito peso. Então pensei em estudar Engenharia Industrial ou Engenharia Civil”.

Eu lhe pergunto porque o interesse por Engenharia, e me disse:

A.: “Sempre agradou-me a Mecânica, gosto muito das máquinas, assim quando não segui o Industrial”.

Industrial é um dos ramos da escola secundária

R. “Porque lhe agradam as máquinas”

A.: “Me interessam o funcionamento das máquinas. A utilidade para os homens. O que fazem as máquinas, porque as máquinas funcionam e porque as máquinas deixam de funcionar”

Eu, retomo o problema de Engenharia Aeronáutica, porque não estudar Engenharia Aeronáutica? Por que a descartou?

A.: “Porque tenho medo; Na realidade tenho medo de que não posso, que eu sentia, que fosse algo do momento e não minha verdadeira vocação. Porque eu sempre me criei num ambiente de aviões”.

Então eu lhe peço que conte algo sobre isto.

A.: “ Eu ao nascer já estava num ambiente de aviões, porque meu pai era um Piloto Militar, e tinha uma escola onde ensinava a pilotar aviões.

Estive aí dentro, neste ambiente, até os 10 anos;

R.: “O que aconteceu após os 10 anos”

A.: “Meu pai faleceu, num acidente, quando tinha 3 anos. E trataram de separar-me deste ambiente. Mas sempre voltei a esta mesma escola com um amigo de meu pai ou de minha mãe.

R.: “Por que aos 10 anos deixou de freqüentar a escola?”

A.: “Porque, primeiro; minha mãe começou a trabalhar na Administração desta Escola, mas logo passou a um trabalho de dependência fora da Escola, foi trabalhar em outro lugar, e a mim “já o deixaria ir”, e neste momento cada vez que subo num avião me descomponho.”

R.: “Lhe pergunto, se apesar disto, viaja de avião?”

A.: “Sim, mais ou menos, a cada 6 meses, quando tenho necessidade de viajar, para visitar algum parente no Interior do país”

R.: Então lhe pergunto: “Porque visitar parentes no Interior do país?” disse:

A.: “Bem, porque vivo com um tutor.

R.: “Por que?”

A.: “Porque minha mãe morreu há 3 anos”

Neste momento, minha sensação era de estar com brasas nas mãos, ou seja, não sabia se perguntava ou não, em geral, um conselho clínico quando há dúvida

de perguntar ou não perguntar, o primeiro que deve-se fazer é perguntar. Porque em geral, é factível que o medo de perguntar seja uma *atuação* do psicólogo, onde está operando uma Identificação projetiva do psicólogo com os próprios medos do entrevistado. Então se soma à resistência do entrevistado, o que se chama a contra-resistência do psicólogo. Em geral quando se trabalha com adolescentes, há 2 ou 3 temas, que sempre há medo de se perguntar: Sexualidade, fundamentalmente; *Morte*; e em alguns casos *certo tipo de problemática familiar*. Não se estabelece uma norma geral, em geral a clínica é o que está contra as normas gerais, mas por minha experiência, os temas que se pergunta sem medo não produzem a angústia que se crê poder produzir, e ao contrário produzem muito mais angústia a evitação aonde se confronta a defesa do entrevistado com a contra-resistência do entrevistador. Então digo que me fale da morte.

A: Ele me conta que sua mãe morreu de câncer no seio depois de padecer de uma longa e terrível doença.

B.: Com que vive? porque havia me dito que vivia com um irmão mais velho que era Engenheiro Industrial.

B.: Então lhe pergunto se ele havia pensado em Engenharia Industrial, devido a seu irmão.

A: Sim, Engenharia Industrial eu gosto! Eu gosto do trabalho que ele faz, mas gostaria que fosse algo mais livre. O trabalho dele, é um trabalho difícil de independizar-se.

B: Como eu havia me animado a perguntar sobre a morte da mãe, mas nenhuma pergunta sobre a morte do pai.

A: Me conta que o pai fazia acrobacias aéreas e que em uma prova plantou? motor.

B: Eu lhe pergunto o que quer dizer plantar-se o motor

A: Ele me dá uma larga explicação técnica do que ocorre quando o avião da volta e há uma defasagem e que no final disse, meu pai podia “tirar” o avião deste problema, mas não tinha altura suficiente. Ou seja, meu pai enfrentou uma falha mecânica que ele não conseguiu corrigir.

B: Eu lhe pergunto como foi no colégio?

A: No colégio secundário, quando estava com minha mãe era uma obrigação estudar, depois eu sentia como uma coisa secundária, não me importava muito. Comecei a trabalhar, na metade deste último ano na oficina em vender peças de reposição para tratores. No primeiro ano trabalhei com meu irmão.

B: Como foi no secundário?

A: Bem, haviam coisas que me interessavam. Havia uma professora que me fez amar geografia. Gostava muito de matemática, mas não me desenvolvia como queria. Nunca cheguei a ficar de exame. Ficar de exame significa que tiramos menos de 7 pontos durante o ano. O que me agradou muito foi física, mas eu nunca estudava, e de todo modo era aprovado no colégio.

B: Quando faz descrições do Colégio que se referem ao rendimento, me preocupo em perguntar o que acontece no aspecto interpessoal, neste caso no colégio secundário. Como o psicólogo é identificado quase sempre como um professor, a referência da vida dentro da escola secundária é sempre, ou quase sempre omitida, como neste caso: não interessa que lhe agradou a geografia, interessa como ele disse que chegou a amar uma matéria, e o pêso que ele dá à sua relação interpessoal em sua afinidade por um distinto tipo de atividade. Como ele relaciona-se com seus companheiros? disse:

A: Eu era um tipo que no primário, na escola primária, não gostavam de mim. Nunca me escolheram, nunca me disseram que eu era muito antipático. Mas agora mesmo me lembro, que considero um amigo, mas não o demonstrava jamais. A partir do 3º ano do secundário passei a ter um grupo, também havia gente que se parecia mais comigo, mas só ao final do Colégial cheguei a dar-me com todos. Também era um grupo difícil, porque havia muitos sub-grupos Mas logo foi se formando um sub-grupo mais homogêneo, mas isto perto do final, quando todos eram meus amigos terminou o Colégio

B. Pergunto se tem amigos? Este é outro tema que evita, amigos (namorada) fora do colégio.

A.: Sim tenho amigos no clube, e outros que fiz no Colégio.

B.: O que faz no clube?

A.: Pratico rugby. Há um grupo grande de amigos, que gosto muito dele.

B.:Se estende bastante nesta explicação. A.: Alguns estamos juntos simplesmente e outros somos amigos.

B: Eu lhe pergunto se tem namorada.

A: Namorada, neste momento não.

A: Me retirei da atividade de namorado e desde janeiro não sai nunca com nenhuma menina.

B: O que faz em seu tempo livre, quando não trabalha?

A: Bem vou com um amigo que tem uma chácara, nos fins de semana estou nesta chácara.

B: Como se relaciona com as pessoas que vivem?

A: Com meu irmão não convivemos, apenas dormimos juntos, por problema de horário, quando ele vai trabalhar eu estou dormindo, etc. e aos domingos almoçamos na casa da namorada dele.

B: Então lhe peço que descreva o irmão. disse:

A: É frio! Frio não, mas não demonstra mais apreço que o necessário. Antes de minha mãe morrer, ela o renegou , pois dizia que vendo que ela estava morrendo não foi capaz de ir falar com ela. Para mim sempre foi exemplo! Sempre me puseram como exemplo, me disseram que tinha de ser como ele, que estudava o necessário. Não foi somente um bom aluno na faculdade, também ganhou uma vaga por suas qualificações.

B: Como é o seu tutor?

A: Bem, é outro tipo que não deixa que se aproximem, carinho a mim, sentecarinho, mas não o demonstra e não deixa que eu o demonstre. Apesar de minha família não o aceitar, para mim é uma grande pessoa e em parte, ocupou o papel de meu pai.

B: e sem nenhuma pergunta ele associa. A: Sempre penso, quando estou só, que não tenho família o que eu sempre invejava nos demais era que tinham família. Eu tenho família, de minha mãe e de meu pai, mas sempre era eu que tinha de escrever e me comunicar com eles, e me cansei. pois eles nunca tomavam iniciativa, então resolvi ficar só e não ter de pedir-lhes mais nada.

B: que faz em seu tempo livre?

A: Bem agora leio um pouco, quando era pequeno não lia, tinha pareguiça. Um livro que me interessa, que estou lendo atualmente é Vivem .

B: Não sei se foi publicado aqui, é a história dos que se perderam na cordilheira.

O avião caiu na cordilheira, um episódio antropopágico, este é o livro que o apaixonou neste momento. O título é Vivem. A: As vezes eu o pego, o leio e logo o deixo.

B: Que faz quando sai do trabalho?

A: Vou para casa, leio o jornal até a hora de dormir, leio algumas revistas sobre aerodinâmica, logo tenho sono, tomo banho e vou dormir.

B: Eu lhe pergunto porque crê que o tutor e o irmão o proibem de estudar fora de Buenos Aires (B.A.)

A: O tutor diz que ai não se estuda. Que estando fora de minha casa, vou fazer o que quero, na realidade ele me super protege. Meu irmão me disse isto e eu creio que seja bastante evidente que ele me super protege.

B: Depois lhe pergunto que me conte a história de todas as coisas, que pensou alguma vez em estudar, mesmo que fosse em fantasia e que tivesse sido descartado. E lhe dei como exemplo ser bombeiro, ou ser lanterninha de cinema.

A: Bem desde muito pequeno gostava de medicina, sonhava em operar, ser cirurgião, mas creio que se chegar a ver uma operação e ver muito sangue posso chegar a desmaiar. Também pensei em agronomia e veterinária, pois gosto muito do campo e estudar a fauna marinha.

B: Por que? A: Porque gosto, talvez por desconhecê-la. Não sei se é o que me interessa, mas creio que aí existe muito campo.

B: Podem me seguir mais ou menos com o espanhol? Então prefiro seguir antes de fazer comentários. para que vocês possam fazer os comentários antes que eu.

Aplico-lhe uma prova que vou ensinar na semana seguinte que é um teste desiderativo aplicado à O.V. A primeira pergunta é que se ele não fosse ele que personagem gostaria de ser ou que atividade gostaria de desempenhar. Resposta:

A: Acrobacia Aérea ou senão Rugby ou senão Náutica

B: Por que acrobacia aérea?

A: Não sei se sou capaz de resistir à vertigem porque agora cada vez que há turbulência enjoa.

B: Por quê Rugby?

A: Quando eu pensei em jogar rugby no clube senti-me muito bem. Eu não sou dos que pensam que se pode viver do esporte, é mais uma descarga. O ideal do jogador me parece uma base importante para qualquer pessoa, uma base para a vida, pode chegar a ter muitas satisfações e pode valorizar o esporte tanto antes quanto depois de jogar.

B: Por que Nautica?

A: Eu pratiquei algum tempo com meu irmão, gostava muito do silêncio que havia e o movimento que levava o barco.

B: A próxima pergunta do desiderativo é: qual personagem da antigüidade gostaria de ser ou qual atividade da antigüidade gostaria de ter?

A: No séc. XV ou XVI, ser um militar, nesta época eu gostaria ou senão na Revolução Francesa, porque sinto que neste momento os militares estavam mais perto das pessoas. Os militares sempre foram mandados de cima. Mas não na Revolução Francesa fizeram o que sentiam.

B: A terceira pergunta é: se em lugar de ser homem fosse mulher que atividade gostaria de ter ou qual personagem gostaria de ser.

A: Creio que atividade linda pode ser professora, jardineira.

MAGUI: Jardineira em português seria uma professora de pré-primário, de parques infantis.

Publico: Poderia repetir a 3ª pergunta

B: Se em lugar de ser homem fosse mulher, ou ao inverso se fosse uma adolescente mulher, que personagem gostaria de ser ou que atividade gostaria de ter?

A: Gostaria de ser uma professora de Jardim da Infância, não sei, talvez pelo cuidado. Creio que uma mulher que se dedica a isto deve estar capacitada para cuidar dos meninos.

B: A quarta pergunta é: se em lugar de estar em 1975 estivesse no ano de 2075 que personagem ou que atividade gostaria de realizar?

A: Bem, um problema básico será a alimentação. então gostaria de Agronomia, ou alguma variação da Agronomia, que leve a outros ramos, que permita criar alimentos sintéticos e outras coisas.

B: Ai termina a entrevista e então sempre encerro a entrevista pedindo-lhe que como eu estou lhe perguntando muitas coisas, que ele me pergunte tudo o que deseja saber. Então ele me pergunta:

A: Você se dedica só à Orientação Vocacional ou também à Psiquiatria?

B: Em geral respondo todas as perguntas seguindo o contexto e sou bastante honesto nas resposta que lhe dou.

B: A segunda:

A: O que levou você a escolher a psicologia

B: A terceira

A: Que métodos irá utilizar para me orientar?

B: Bem, Esta primeira entrevista termina com um plano da estratégia a utilizar. Não lhes conto para ver quais estratégias sugeririam vocês. E um acordo a respeito do problema de dinheiro e que eu em fevereiro estaria aqui. Então fechamos um contrato de trabalho elástico que o permitisse atendê-lo em pouco tempo.

Lhes trago este caso para que todos vocês vejam como atendendo-o da maneira clássica, segundo a modalidade estatística, não cabe nenhuma dúvida que em qualquer teste de interesse. se destacariam interesses mecânicos e sociais, poderíamos fazer o experimento, mas creio que não vale a pena. e não me cabe nenhuma dúvida que fazendo um colégio secundário, mais ou menos normal sem problema devia ter inteligência, pelo menos normal, eu creio que superior à normal. Enquanto um teste de aptidão, creio que daria uma aptidão mecânica, manual, etc. Bem, não foram obviamente estas as técnicas que eu empreguei, e lhes trago este caso pois é muito claro aqui como é que a definição de seu futuro no trabalho e seu futuro como estudante estão vinculados com sua história de vida. Neste caso é mais evidente, a tarefa de um psicólogo clínico que se dedica à Orientação Vocacional onde é **LER** os problemas de uma perspectiva clínica evidente, neste caso, o entroncamento entre a vida de um sujeito que enfrenta o momento de escolher com a problemática específica de escolher. Antes de começar este caso: que é estratégia clínica em O. V.? É uma maneira de abordar os problemas de um sujeito que enfrenta conflitos frente a escolha de uma carreira considerando-o um ser humano. Considerá-lo um ser humano significa: ocupar-nos não do problema, mas sim da pessoa que tem o problema. Não da solução, mas sim dos motivos que o permitem, ou que o impedem, de chegar a uma solução, ou seja, estratégia clínica não significa usar um tipo de técnica, em particular, mas sim ter um conjunto de atitudes, uma disponibilidade particular para entender os problemas, a respeito dos quais demanda assistência como um problema de um sujeito humano, e entender que tanto o problema como a solução, requer um tipo particular de leitura. Quando eu digo um tipo particular de leitura não estou me referindo ao seguinte: que se deve distinguir entre o universo fenomenológico da situação para a qual somos

solicitados, o manifesto, o que se vê, e o nível estruturante que determina o que se vê, se é problema, se é o dilema, se é a solução.

Estratégia clínica significa: saber ver de um modo particular, a partir e através do fenômeno lógico, do aparente, do que se apresenta diante de nós, para compreender aquele que estruturalmente o determina. Na próxima aula vamos ver como esta determinação estrutural na realidade é uma múltipla e sobredeterminação. Antes de seguir com o caso, querem comentar algo sobre Alejandro, intuições, experiências correlacionadas, perguntas.

ROLO 3 - FITA - LADO B

- Pergunta: Qual a idade de Alejandro?

B. 17 anos

- Pergunta: Existe algum problema físico? O Sr. falou muito das características físicas dele

B. Não. Antes de responder. Segunda regra técnica a toda pergunta inclui uma resposta, então tratem de converter sua pergunta em afirmação.

- Pergunta: O Sr. disse que ele tinha um problema de olhos que chamaram sua atenção. Eu perguntaria se havia alguma outra característica física que tivesse chamado sua atenção também e que levasse a pensar em alguma doença ou problema.

B. O que você pensa?

- Pergunta: Pelo que o Sr. relatou não percebeu nada?

B.: Era grande, alto e forte, Jogador de Rugby (risos)

- Pergunta: Porque o rosto lhe chamou a atenção

B. Vai aparecer na 3ª entrevista

B. Posso fazer uma interpretação?

MAGUI: Pode

B. Me parece que vocês estão partindo do aparente, agora tratem de atravessar o aparente!

Esta bem, eu creio que se deve prestar muita atenção nos sinais corporais porque os psicólogos possuem vários vícios hipertrofiar o intelectual, hipertrofiar o auditivo, em detrimento de outras fontes de informação. Então me pareceu bem que coloquem os olhos sobre o corpo. Só quis chamar a atenção porque neste protocolo são dados que não se incluem. Eu lhe peço para atravessar isto, e fantasiar, imaginar tudo o que quiserem a respeito de A.

Pergunta: A fantasia de A. era me recordo de um Artista, um artista plástico

B- Porque?

- Perguntadora: Porque ele se sentia muito sozinho, o tempo todo. Não deixava, não havia muita aproximação com o tutor, nem com o irmão. Então a impressão que me deu é que ele devia ser artista ou poeta.

B- O que mais? (espaço de tempo)

- Pergunta: Pode repetir a afirmação que ele fez? Aquela perguntinha, bom enfim, quando ele diz que queria ser aviador eu acho, a afirmação que ele faz para mim parecia uma certa incoerência com o começo, e eu queria tentar entender.

B. O que você observa é uma incoerência entre o começo e o desiderativo.

- Magui. eu queria saber quem é a mulher que no telefone sabia do caso e que não aparece depois na história toda.

B. Ah, certo.

Magui- vocês lembram que tinha uma mulher que aparecia no telefone que sumiu.

B. É uma empregada. Eu lhe perguntei isso, porque lhe perguntei com quem vivia, me disse que com o tutor e o irmão, e disse que quem tinha me atendido era uma mulher. É a namorada de seu irmão?

A. Não, é uma empregada que o havia criado, de quem disse que gosta muito e esta muito agradecido. Evidentemente estava a par de tudo que ocorria, sabia o que era o psicólogo, O.V., tudo isto.

Público Pergunta: Eu achei curioso que ele justifica o fato dele querer fazer engenharia, porque disse que gosta muito de máquinas, do funcionamento de máquinas e nenhuma vez se refere ao fato de gostar de qualquer coisa que se refira a relacionamentos humanos. No entanto pareceu-me que numa primeira entrevista ele parece ser uma pessoa com um relacionamento muito fácil, e que inclusive procura uma certa aproximação.

- Pergunta; Eu não senti isto, eu diria que ele, na minha impressão, quando estava contando a história é que ele responde estritamente o que é perguntado, muito poucas vezes ele se alonga mais.

- Outra pergunta: Eu acho que não, ele se fecha muito

-Outra : Eu gostaria de saber qual foi a atitude dele quando percebeu, por exemplo, que o Sr. estava anotando a entrevista.

-B: Não notei nada especial, mas do ponto de vista técnico, a primeira pergunta que eu faço é o que o traz aqui? a que vem, etc. Eu anoto, e logo pergunto se lhe é inconveniente que eu tome nota e, em geral dizem que não.

- Pergunta: Chamou-me à atenção quando você falou quando ele contou que o pai havia morrido por uma falha mecânica no avião. Não sei até que ponto isto foi importante na escolha dele.

- Pergunta: Ele não soube lidar com a falha mecânica.

B: Como?

O rapaz não foi capaz de lidar com a falha mecânica

-Pergunta: Me chamou a atenção o fato dele se preocupar, a respeito das perguntas que ele fez ao final, se voce era psiquiatra também, de como tinha escolhido. Ele estava muito preocupado, a impressão que me deu, com a sua colocação também, dele querer saber com quem estava lidando de uma forma mais próxima.

B: Os comentários que fazem em geral me parecem sumamente inteligentes, mas cautelosos! (risos). Não se animam a propor hipóteses interpretativas, animem-se um pouco mais!

Pergunta: Eu não sou psicóloga clínica, eu fiz psicologia aplicada ao trabalho.

-B: Você sabe o que é uma hipótese? Uma hipótese interpretativa é uma suposta leitura do material aparente. Por exemplo, quando alguém diz: me chama a atenção o que disse sobre ser aviador no começo e no final. “Me chama a atenção”, é um indicador intra-pessoal do psicólogo, com o qual o psicólogo tem que se relacionar para traduzir esta intuição, é uma hipótese, e logo verá se esta hipótese se confirma ou

não. Isto corresponde ao segundo momento da estratégia clínica, que é pensar. A partir do que se pensa?

- Pergunta: então eu posso acertar o que eu disse?

-B: Parte-se do todo, parte-se do que ouve, do que vê, do que recorda, do que um associa, da atenção flutuante, das recordações, da comparação com outros adolescentes, inclusive, e um comentário que vou assinalar como um erro meu para que vocês percam o medo. Alguém disse: fala pouco espontaneamente, que se limita a responder perguntas, este pode ser um erro meu, posto que, algo que inconscientemente eu já estava pensando em trazer casuística para este curso. Pode ser que inconscientemente, isto me tenha resumido para conseguir um bonito caso para mostrarme! (risos).

- Pergunta: O jeito dele falar às vezes é muito adulto!

-B: Sim, certo!

-Pergunta: Qual a idade?

-Público - 17 anos

- Pergunta- A gente podia por exemplo, pensar como hipótese que ele tem dor de estômago, quando está no avião porque o pai dele morreu por uma falha mecânica e pode ser que o avião tenha outra falha mecânica e ele morra também.

- Pergunta- será que não é um sentimento de culpa isto?

B: Bem, finalmente, será que?

- Pergunta- Ele tinha 3 anos quando o pai faleceu no desastre, esta relacionado com a passagem do complexo de Édipo. Poderia estar relacionado à culpa que ele poderia ter sentido nesta situação ao imaginar ou estar imaginando destruir o pai.

-B: Porque não?

-Pergunta: Uma hipótese, a gente pode estar indo longe demais, mas...

-Pergunta: Você tem a impressão de que quando ele vem procurar esta Orientação Vocacional o interesse que ele demonstra, e mais óbvio, o que ele quer, na realidade, ele está tentando perguntar porque ele está interessado nisso que ele não quer fazer. Está toda hora questionando o que ele coloca, então a angústia dele é mais esta: por que eu quero isto e na realidade eu não quero? Talvez poderia ter perguntado o que é que você faz que menos quer, é uma outra hipótese.

B: Muito bem!

- Pergunta: Eu queria saber uma coisa: o que você respondeu quando ele perguntou, porque você escolheu a psicologia? (risos)

B: Eu lhe disse o seguinte: haviam motivos que eu sabia e motivos que eu ignorava, e neste momento eu creio que gosto da psicologia, e que logo iríamos falar mais disso. Por que quando deixei claro como iríamos trabalhar, clarifiquei que vamos poder fazer com que ele pudesse escolher conhecendo muito mais os motivos pelos quais escolhia do que eu conhecia os motivos pelos quais eu escolhi. Além disso, disse-lhe: mas isto pode ter relação com as hipóteses, que levantei durante a entrevista, que ele estava buscando, por todos os lados, encontrar gente a que referir-se e com quem identificar-se para aprender coisas, e que assim como ele havia gostado da Geografia, pela professora, quiçá através deste mínimo conhecimento que tinha de mim ele supunha que irá chegar a interessar-se e amar algum tipo de profissão determinada.

- Pergunta: Eu queria propor agora, baseado nesta entrevista, que para este rapaz não existe ainda uma profissão definitiva com a qual ele vá seguir a vida inteira, porque quando o Sr. perguntou se em lugar de ser um homem fosse uma mulher ele disse jardineira, então jardineira.

-Público: Não professora!

-Pergunta: Pode ser jardineira?

Magui: Não era professora de jardim da infância, jardineira.

Pergunta: Não, o que eu quero dizer é que não existe no momento para o A. uma profissão definida.

B. Desde logo!

Pergunta: Eu gostaria de seguir a linha de pensamento que a colega colocou, quer dizer, ele está afirmando que quer ser alguma coisa e ao mesmo tempo ele está negando. Para mim, me parece muito claro, que ele gostaria de ser aviador, por uma identificação com o próprio pai. Mas o medo da morte, e a morte, como o Sr. colocou parece que está muito forte, está impedindo este desejo.

B. Sim.

-Pergunta. Rodolfo a minha impressão é que o problema do A. é muito mais a solidão do que a profissão. Ele não tem ninguém que goste dele, e ele aparentemente não gosta de ninguém, não tem pai, não tem mãe, o irmão não dá confiança, o tutor é frio, os parentes moram longe, quer dizer ele está sozinho.

B: Exato!

Magui: E há uma porção de contradições, Rodolfo, nesta história.

-Pergunta: Não sei, eu senti que ele se sente muito protegido e todas as profissões nas quais ele pensou fazer seria assim, modelo de alguém que já teria feito. Por exemplo Engenharia o irmão, já tinha feito. O irmão era exemplo para ele e o pai também, então eu acho que ele estava à procura, ele teria medo de fazer alguma coisa como imitação. Ele precisaria de alguma coisa fora disso.

Pergunta: É mas ao mesmo tempo ele estaria pertencendo à família.

B.: Como?

Pergunta: Engenharia, Aeronáutica, é uma coisa que caracteriza a família, é uma coisa que ele sente falta.

B.: Exato, vamos ordenar não todo o diagnóstico, mas algumas idéias gerais, porque do ponto de vista técnico o que importa na primeira entrevista é ter um pré-diagnóstico, não um diagnóstico exaustivo, e tampouco importa ter um diagnóstico de personalidade definitivo, o que interessa é ter um diagnóstico da problemática vocacional. Pensem vocês, etimologicamente, diagnóstico quer dizer “Ler através”, ou “conhecer através”. O diagnóstico superficial é: não sabe qual carreira estudar, dúvida entre engenharia aeronáutica, engenharia civil, engenharia industrial, ponto. O problema é: por que estas são as dúvidas e por que estas dúvidas se expressam no seguinte dilema: é algo que eu gosto ou algo que gosto por meu ambiente? Este dilema é universal em Orientação Vocacional, por que? Porque no momento em que se consolida a identidade vocacional coincide aproximadamente com o começo do fim da adolescência, onde lutam entre si o interesse na afirmação pessoal e o reconhecimento da inserção social. Nenhum adolescente desconhece que o que ele é tem relação com o ambiente em que vive, familiar, escolar, amigos, etc.

Por que? porque sofre por isso, porque vive sempre em companhia, ou pretende viver em companhia, ou seus companheiros criticam o que ele quer estudar, ou apoiam o que quer estudar, mas ao mesmo tempo, coincide com a busca de uma escolha absolutamente original.

Um problema que é quase universal, sob qualquer problema de Orientação Vocacional é: escolho por mim ou escolho pelos outros? Está claro que um nunca escolhe por si, quicá que em alguma aula possamos discutir o caráter errôneo do eu. Como identidade, Eu sou eu como verdade que vai ser um tema questionado, por enquanto o deixamos por aqui. Poderia dizer-lhe quando alguém diz: “Eu digo”na

realidade ele escolheu algo que conscientemente pensa que escolhe, mas este tema teórico deixemos para mais adiante.

Bem seu dilema é: escolho por mim ou escolho pelos outros? Escolho por mim, primeira alternativa, sinto-me totalmente só, minhas relações com as pessoas são frias, mas os outros são os que não querem aproximar-se de mim, isto poderia ser uma projeção de seu problema, mas ele na entrevista, não no relato, mas sim no que faz na entrevista, mostra que tem facilidade em se contactar comigo. Portanto, podemos defender mais a hipótese, de que o ambiente que o rodeia tem com ele relações bastante distantes, ou bastante cautelosas, por exemplo sabemos o dado histórico confirmatório, pretendem afastá-lo da escola de aviação, desde os 3 anos mas ele consegue dos 3 aos 10 anos que um amigo o leve, ou seja, que ele não tem um déficit tão grande de comunicação para deixar-se, restringir ao seu lugar, sofrendo a morte de seu pai, pobre menino protegido!

Daqui se abrem 2 linhas interpretativas. É porque a família, sua mãe neste caso, era suficientemente sã para não superproteger o menino por ele ser órfão ou a mãe era suficientemente negadora de seu luto, para ignorar exatamente o que faz um menino de 4 ou 5 anos indo e vindo da escola de aviação, é uma dúvida que não podemos solucionar. Evidentemente seu interesse pelas máquinas pode ser entendido como as perguntas à esfinge. Quando ele se pergunta quando uma máquina funciona bem e quando uma máquina funciona mal; quando uma máquina está a serviço do homem ou quando uma máquina não está a serviço, portanto a pergunta que ele está fazendo é uma pergunta sobre a morte. E não de qualquer morte, esta fazendo uma pergunta sobre a morte mais significativa pela qual atravessa qualquer ser humano que é a morte de seu pai.

Claro que acabamos novamente nos desejos humanos, neste caso o desejo de saber, o que é a morte? o que determina a morte de um ser humano? Sempre se envolve códigos que a sociedade prevê para colocar seus desejos, colocar suas demandas, não sei se vocês me entendem? Os desejos humanos, são puros desejos, não tem estrutura! A estrutura do desejo humano provem dos códigos sociais. Entendem isto? Evidentemente seu desejo de saber sobre a morte está codificado na relação com o ambiente no qual foi socializado; outro formularia a mesma pergunta: o que é a morte? através de querer estudar religião ou filosofia ou psicologia, ou sociologia, ou ciências bélicas, ou o que for, ele codifica seu desejo de saber terminologia de máquinas, quando uma máquina funciona, quando uma máquina não funciona, mas o desejo em última instância é sobre saber a morte.

Isto está claro?

Nenhum teste de aptidão, nenhum inventário de interesse olha isto, inclusive podemos tomá-lo, como uma postura filosófica minha sobre quais são as perguntas fundamentais do homem, não posso demonstrar cientificamente, tomem como um postulado dos desejos, grande parte dele estão em torno de saber sobre o destino humano, e o destino humano é a morte.

Bem seus desejos se codificam em termos de máquinas, são máquinas, saber como funcionam, etc. Aí aparece uma proibição: Eng. Aeronáutica não! Novamente se abrem duas perguntas, sem resposta:

É ele que se proíbe estudar Eng. Aeronáutica? Neste caso a hipótese seria: ele quer saber da morte, mas teme saber da morte. Então ele quer estudar engenharia aeronáutica para saber como morreu seu pai, mas ao mesmo tempo teme confrontar-se com a verdade de seu pai morto, está claro até aqui?

-Segunda alternativa: Ele quer e não tem nenhum conflito deste tipo. Mas, o irmão e o tutor, querem evitar, que ele siga esta carreira por medo de perder, que

esteja longe de seu controle de seu cuidado. Então qual é o controle ou qual é o cuidado que o tutor e o irmão exercem sobre ele? É um controle no sentido de não ver, você não tem que ver, você não tem que saber. Por que? Por seu próprio medo. De acordo com o que passava com a mãe, a mãe era tão sã que não negou a morte de seu marido, ou a mãe era tão negadora que não sabia onde estava seu filho entre os 3 e os 10 anos.

Agora podemos defender mais a hipótese de que é uma família onde há tendência a negação. Quando a mãe estava doente, e a ponto de morrer o irmão nunca foi vê-la. Então, pode ser que não queriam que o irmão estudasse eng. aeronáutica, porque implicaria em aproximar-se de algo proibido dentro do grupo familiar. É como se o grupo familiar confabulasse em manter uma negação que ele queria romper, e isto fala da saúde de A.

-Pergunta: Sim, obrigamos todos a enxergar a morte, realmente se ele fosse fazer eng. aeronáutica ele estaria obrigando a família toda a enxergar a morte realmente.

- B. Então pensem num adolescente com toda sua problemática pessoal, em torno da morte e outras, que enfrenta a família com o seu desejo de saber da morte, apesar da negação de toda a família é um adolescente que possui bastante saúde interna, tem bastante base, apesar de ter conflitos, toda a dificuldade, etc. Retomo isto por uma pergunta dele. A outra escolha que planeja: Eng. Civil ou Eng. Industrial, que é casualmente, a carreira do irmão. Recordam o que falamos sobre identificação: ser aviador era uma identificação com o pai e ser engenheiro civil ou engenheiro industrial era uma identificação com o irmão. Evidentemente escolhe-se segundo modelos de identificação. Então...(risos)

Bem quando um adolescente escolhe sente-se mais ou menos numa situação como esta: que todos os olhos do grupo familiar, da escola e demais estão esperando dele uma resposta, e ele está com todos estes problemas dando voltas, como eu aqui, vocês comentaram o que eu pensei, o que recordo dele, o que querem adiantando do curso sem saber como fazer uma síntese, bem isto lhe passa no momento mesmo que se passa comigo, com a diferença que eu posso explicitar, e desta maneira eu me tranquilizo, ele não. Seguimos...

Estudar Eng. Aeronáutica é responder ao desejo de saber da morte identificando-se com o pai, seu destino então é, neste caso terrível, morrer! Ele está dando uma resposta muito profunda ao nível inconsciente, só sei da morte no momento em que sou como meu pai, quando serei como meu pai? quando estiver morto como ele.

Outra alternativa: ser como o irmão, mas o irmão é frio e é dependente, e ele quer ser quente e independente.

Aqui está o dilema de suas carreiras.

Pergunta: De onde o Sr. tirou que o irmão dele é dependente?

B.: A. disse que a carreira é linda mas que é possível ser independente desta maneira.

B.: Além disto, o enjôo que sente, quando sobe no avião é um registro de sua ansiedade frente à morte, que, possivelmente, aceita a hipótese, tem relação com o sentimento de culpa. Todos sabemos que qualquer morte implica sentimento de culpa, que a elaboração de um luto, sempre, implica em um sentimento de culpa. Por que? Porque a relação com o objeto perdido foi ambivalente a perda do objeto sempre a um nível inconsciente, faz emergir este território original do luto, que é a luta entre o instinto de vida e instinto de morte.

A morte ocorreu aos 3 anos, em plena instalação do complexo de Édipo, podemos supor, não em cima do material, mas da teoria, que a culpa, frente a morte do pai, pode ter sido maior.

Bem, então, aqui temos o pequeno Édipo, o que querem saber?

Entre parênteses os olhos também quiçá tem relação com o Édipo.

Eu até agora havia pensado numa entrevista em que falo do tamanho de seus olhos e havia interpretado como seu conflito entre saber e não saber, ver e não ver. Agora há uma referência simbólica muito mais interessante a partir do que se passa o Édipo com seus olhos por querer saber, justamente. Bem nosso pequeno Edipo não sabe o que fazer e procura o psicólogo como um louco.

O primeiro que temos de decidir é: o problema vocacional mais ou menos diagnosticado desta maneira:

Pode resolver-se sem uma mudança substancial de sua estrutura de personalidade ou não?

No caso de A. minha resposta é negativa. No caso de A. o que disse for seu problema está mal colocado, seu problema é outro, o que você está sofrendo são outras coisas. E para que você resolva qual carreira estudar terá de ocupar-se destes problemas num outro contexto que não seja de Orientação Vocacional.

Por que eu aceitei tomá-lo em um processo de Orientação Vocacional?

Não era só por narcisismo para trazê-lo como caso aqui! mas sim, pela 1ª pergunta que ele me formula: Que é se eu faço só Orientação Vocacional ou também psiquiatria? O que esta indicando esta pergunta?

Que há uma consciência da doença. Que não há perigo de atender uma demanda, porque atender acirra a outra. Às vezes, em situações menos graves que esta, eu não pego o caso em Orientação Vocacional porque satisfeita esta demanda a outra é excluída. Entendem isto?

Neste caso, como existe consciência da doença, ele espontaneamente fala de seu problema de relação, pode falar da morte, pode expressar certa emotividade em torno da morte e ao mesmo tempo me pergunta se eu faço outra coisa, além de Orientação Vocacional, eu lhe explico o seguinte: que vamos cuidar de seu problema vocacional! Que seu problema vocacional não tem relação com suas aptidões e interesses, mas têm relação com ele, com toda sua vida, como ele me colocou no começo. Que eu posso ajudá-lo a escolher. Que a escolha será dele, mas o importante é o que falamos depois que ele resolva seu problema de quais estudos seguir e aí lhe explico o método com o qual eu trabalho, etc.

Qual era minha estratégia?

Minha estratégia era tratar de medir, tratar de observar, até que ponto sua escolha de eng. aeronáutica podia ser uma escolha autônoma de acordo com o ego livre de conflito, no sentido desarma, ou até que ponto seu conflito era tão marcado que esta escolha era uma escolha sintomática. Está claro?

Pergunta: Quando ele fala aqui que se fosse no futuro ele se preocuparia com alimento vai entrar também na problemática da morte comparando com isso.

B: Exatamente! O livro Vivem, entre parênteses se vocês leram os escritos de Freud sobre dor, culpa e demais aí tem também uma referência bem clara a um texto que trata da antropofagia e este é um “best seller” em Buenos Aires, porque fala de antropofagia.

Pergunta- É um acidente de aeronáutica.

B: E com um acidente de Aeronáutica.

Então eu lhe coloco que ter 4, 5 ou 6 entrevistas, que em fevereiro eu não estarei e que podem ocorrer 3 coisas: que nestas entrevistas ele resolva seu

problema; que nestas entrevistas ele não resolva seu problema, mas tenha material para pensar durante fevereiro, ou que em fevereiro ele necessite alguma ajuda em cujo caso eu iria lhe deixar recomendado uma psicóloga, com quem eu trabalho, para que o ajude.

Em geral, para falar de técnica, eu trato de ser absolutamente explícito de todos os porquês. Não somente lhe contei as alternativas, mas também expliquei o porque de cada alternativa.

A resposta dele me serviu para valorar também sua saúde, porque um dos indicadores de saúde do Ego é a tolerância à ambigüidade, e a tolerância à demora. Se eu lhe digo que vamos ter 5 entrevistas, ai já reduzo a ambigüidade, se digo 4, 5, 6, e ele não se angustia para que eu defina 4 ou 5 ou 6 ele está me mostrando que seu eu tolera esta ambigüidade. Se eu lhe digo: pode ser que resolva seu problema ou pode ser que não resolva seu problema e terá que seguir trabalhando sozinho, eu estou vendo a capacidade de seu ego de se autoconter porque a outra alternativa seria este menino tão desvalido, este pobre “edipito” tão desvalido, bem este garoto, contratransferencialmente me despertou muito carinho. Eu o tomo onipotentemente como paciente, o ajudo durante 1 semana ou 2 semanas depois o tipo em qualquer lugar como o tutor, a mamãe, o papai, o super protegem, etc. eu queria ver se ele era capaz de ser seu próprio continente, e ele passou nesta prova. Então ter consciência da doença, de que necessita ajuda, mas agora Orientação Vocacional, tolera a ambigüidade do enquadre e aceita fazer-se cargo só de si mesmo durante um mês, mas não nega de tomar nota do telefone de minha colega caso necessite ajuda, ou seja, não é onipotente! (risos) Então eu com estes tipos de indicadores me animei a provar o que se podia fazer e lhe dei uma tarefa para fazer da 1ª para a 2ª entrevista. Ultimamente uso, eu lhe chamo deveres, como se chama na escola a palavra deveres?

Platéia: lição de casa.

B.: Como?

Platéia: lição de casa

B: O dever que eu lhe dei foi escrever uma auto-biografia imaginária, que é uma técnica que uso habitualmente em orientação onde a proposta é a seguinte: fazer de conta que de uma enciclopédia te pedem uma nota sobre a vida de Alejandro Tière, que nasceu, viveu, fez coisas e morreu. Você tem de escrever esta nota para a enciclopédia ou contando coisas de sua realidade ou inventando. Existem coisas que você terá de inventar porque você não morreu, mas a proposta é aberta, extensa, breve, como quiser.

Então ele vem a 2ª com uma entrevista que é muito curta, comparada com a que em geral se escreve. Alejandro Tière (1957-1989)... já estão contando... 57 a 89.....34 anos. “Nasceu em Buenos Aires em 9 de março de 1957 aos 3 anos perdeu seu pai e aos 14 sua mãe. Cursou os estudos secundários no Colégio Nacional San Isidro em 74. Desde muito jovem jogou na equipe de Rugby do Clube Nación. Realizou estudos de Eng. na Universidade de Buenos Aires ingressou na mesma casa aos 23 anos, dirigindo-se em poucos anos a trabalhar no Sul onde desenvolveu várias atividades entre as que se destacaram regatas à vela.

Casou-se aos 28 anos e deste matrimônio nasceu seu único filho. Faleceu em Su/aias de modo acidental em 6 de julho de 1989.

Nesta entrevista, na 2ª

Magui: com licença, ele não esclareceu o ramo da Eng. ai não?

B.: Não, não,

Platéia: Não, mas ele esclareceu... a noiva?

Mas isto é outra coisa, “matou”o irmão, pôs-se filho único, tem um só filho, o irmão não aparece, bem...

então, eu lhe digo... tão pouco tempo vai viver? Com que idade morreu seu pai? aos 38 anos disse ele. Ah!, eu pensei que havia uma coincidência por isso lhe perguntei.

A você.

B.: Ele passou a me tratar de você.

A. Com a morte e a morte e a morte.

B.: E toda a entrevista passa a desenvolver-se num clima, bastante maníaco de que todos crêm que por ele ser órfão, não tem que ter problema, não tem que ter problema com a morte, que isto não lhe preocupa tanto. E então lhe pergunto: se isto não o preocupa poderia inventar a biografia que quisesse e ele, tem uma vida tão curta!

A. O que acontece é que é difícil para mim imaginar o futuro. Porque sempre que me imagino no futuro fracasso!

B.: Então aí eu disse: bem se equivocou Rodolfo ao toma-lo por paciente porque o instrumento para trabalhar em Orientação Vocacional é o nível imaginário sobre o futuro, e ele não se imagina no futuro porque tem medo de fracassar, além do mais tem a experiência de vidas cortadas prematuramente, então será por medo, será por déficit de imaginação, por defesa, pelo que seja, mas senão tem capacidade de imaginar seu futuro, aí há um problema que eu tenho de ocupar-me.

B.: Então lhe pergunto algo assim: Se ele não se imagina ou ele não se vê com futuro? Ele começa a falar de seus olhos.

A.: Tenho olhos pequenos, e parece que quando alguém tem olhos pequenos vê menos.

B.: E a entrevista seguiu muito desorganizada e eu não sabia para onde ir, mas me dedico a trabalhar sobre o futuro. A ver que outra coisa, de Eng. aparece então apelo a uma técnica que é, não sei como chamam aqui, uma modificação da técnica do sonho dirigido, não sei, se, quem usa são alguns gestaltistas, que fazem terapia gestaltica. Bem...

Platéia: (pergunta pelo nome da técnica)

B.: A técnica do sonho dirigido, quem a criou foi um francês, um engenheiro francês, que é bastante, interessante, vamos fazer aqui.

Então peço que feche os olhos e que imagine ele em algum momento futuro. Então ele diz:

A.: Sim me imagino algo.

B.: O que imagina?

A.: Estou em um cemitério...

B.: E o que acontece no cemitério?

A.: Bem, é meu enterro.

B.: O que vê.

A.: Existem muitas pessoas mas têm a “cara branca”, muito inexpressiva, como se estivesse ali por compromisso e não lhes interessasse muito o que acontece.

B.: De onde te vê?

A.: De uma porta entre aberta

B.: Então lhe digo: então está morto e está vivo ao mesmo tempo?

A.: Sim

B.: O que acontece agora?

A.: As pessoas estão indo

B.: Todas as pessoas foram

A.: Não, ficou alguém

B.: Como é quem fica?

A.: Não posso ver seu rosto, mas deve ter entre 30 e 40 anos

B.: Porque ficou?

A.: Porque é a única pessoa que se interessa por mim

B.: Bem, siga então

A.: Descreve um caminho por onde anda esta pessoa, vai entrar num carro.

B.: Vê seu rosto neste momento?

A.: Não, não o reconheço.

Platéia: Um homem ou uma mulher?

B.: Um homem.

B.: Bem, induzo um pouco medo. Digo: esta pessoa entra no carro e pega uma agenda pelo quebra vento do carro. Tome-a e leia, ali deve dizer algo. Então ele disse:

A.: É uma agenda, descreve como é a agenda, está toda em branco, e o único que existe são algumas letras que dizem: amigo e algo que não podem entender.

Platéia: Eu posso fazer uma pergunta.

B.: Sim

Platéia: Quando o Sr. perguntou que personagem da antigüidade gostaria de ser e ele respondeu do século XV ou XVI na Revolução Francesa e nesta última história isto não aparece....

B.: Não... quando formos estudar, o fundamento desta técnica veremos o que explora cada uma das perguntas. Antecipo que o que explora a 2ª é onde de centra a, a onipotência, qual a zona do Self que representa a onipotência do sujeito e aqui está representado pela possibilidade de relacionar-se com as pessoas e desobedecer ordens.

Então peço para abrir os olhos e fomos sobre sua encenação. Então ai seu clima maníaco diminui.

Platéia: só uma perguntinha ele só viu aquele amigo e o resto ele não viu (público corriji).

B. Amigo, então falamos sobre isto e eu vou pensar que a única pessoa que se interessou por você, foi seu papai?

A.: Não, mas seguramente foi uma das únicas (pessoas) que se preocupou comigo.

B.: Então digo: Bem então a hora que seu pai morreu, não pode terminar de dizer-lhe o que houvera querido que você fosse? Queria que fizéssemos um exercício para ver isto, então façamos um exercício de Psicodrama Solilóquio onde ele é convidado a assumir o papel do pai. Então o mais importante neste solilóquio é o que não quisera é que morra sem haver dito algo importante antes.

A partir disso, bem a entrevista faz-se bastante profunda, como imaginam, onde ele mais ou menos consegue reconhecer que coisas disse seu pai antes de morrer e como quando ele disse para que vou imaginar coisas para o futuro se de todo modo não acontecem. Ele pensa que vai morrer ao final, mas que desde que nasce até que morra pode se fazer algo e que bem, se ele esta disposto a discutir comigo o que pode fazer antes de morrer, como para não morrer frente a indiferença de todo este público que ele imagina aí...

Então eu lhe digo: mas você sempre pensou na morte, te preocupa muito?

Não, o que acontece é que eu tenho, eu tenho má sorte,

B.: Ah não! antes disso. Disse-me:

A.: Vou te confessar algo... Há outra pessoa em que eu confio que é o amigo de um amigo meu, e que lê as linhas da mão, e tira as cartas do Tarot.

B.: Então eu lhe assinalo que apesar de seu contato tão racional e maduro comigo ele tem uma expectativa mágica desejada, mas ao mesmo tempo muito temida, de que eu lhe diga qual será o seu destino. Desejada pois eu lhe tiraria da incerteza e responderia sua pergunta fundamental, mas temida porque eu posso lhe dizer que ele terá o mesmo destino do pai.

A.: Então disse: sim, na realidade você me vê como um tipo alegre, mas creio que tenho muita má sorte, eu tenho um mau destino! O amigo de meu amigo que tirou a carta de tarot falou que estou para morrer.

B.: Este. Então lhe digo: Olhe, você acertou a forma que vamos trabalhar, e que eu em fevereiro vou te deixar, mas agora tem medo de que eu te deixe antes de que possa dar a resposta que você veio buscar, mas, disse eu, não está em meus planos morrer e último se eu fosse um psicanalista ortodoxo, o criticaria, mas no trabalho com adolescente o primeiro que se tem de ser é não ortodoxo. e digo, não esta nos meus planos morrer, e além do mais algo vamos fazer antes que eu me vá. Então porque não nos ocupamos do que podemos fazer antes de que a gente nos separe, antes que a gente morra. O que disse seu papai antes de morrer, o que você pode fazer antes de morrer. Sente-se capaz disto?

A.: Sim, disse, porque eu tenho má sorte, mas há algo que me deu sorte, e é, posso regular-me com a má sorte.

B.: Bem de Orientação Vocacional como vocês vêm esta entrevista, aparentemente não têm nada. Mas se não houvéssemos resgatado esta mínima boa sorte que ele tem, que ele disse ter que é poder dar um jeito na má sorte, e viver entretanto, ai não haveria Orientação.

B.: Na 3ª entrevista lhe aplico uma prova que também lhes vou ensinar que e chama teste de futuro, da bola de cristal.

Magui: Você quer fazer uma pausa?

B.: Sim depois disto. É uma prova, que se mostra uma folha em branco, se diz que é uma bola de cristal, que nesta bola de cristal se vê o futuro, que época do futuro quer ver, logo ele deverá olhar e escrever sobre o que viu.

Então ele desenha: Ele quer ver o dia em que terá uma família. Novamente o problema não é a carreira, a, resposta popular a este teste é algo que tem relação ao trabalho, como estudo ou algo assim. Aqui insiste com a família. Ele se imagina com uma mulher, dois filhos, uma casa, uma foto, etc., etc., põe a idade em todos eles. No relato aparece outro tema teórico com o qual nos ocuparemos que são as fantasias reparatórias onde esta família que ele cria não é uma família idealizada, impossível, mágica, que resolvem todos seus problemas, mas sim uma família real, que está dentro de suas possibilidades de chegar a tê-la, inventa diálogos entre eles, também aí fazemos um certo jogo de psicodrama, e o futuro, que aparece na prova é um senhor Engenheiro, que pode ser ou engenheiro industrial, ou algo que nesse momento não sabia que existia, que é administrador de empresas, porque o que faz o trabalho que descreve é ocupar-se do processo de produções, mas sobretudo dos aspectos humanos de produção.

Bem, A., antes de fazer uma pausa lhes conto como, que, sucintamente o que aconteceu nas duas seguintes, a seguinte dedicamos à informação. Na informação eu uso alguns cartões onde está escrito os nomes das carreiras, e eles têm de armar famílias, inventar um nome, e eu vou lhes dando informações. Ai descubro que ele tem informações bastante objetivas sobre as profissões.

Há uma resposta muito interessante que veremos quando aprendermos a técnica, e ele vai decidindo que a próxima será a última entrevista e voltaremos em

março. E que quer ter outra entrevista porque quer ver desculpem a má palavra, o cagaço que lhe produz entrar na universidade (risos)...

A última entrevista então se dedica a falar sobre a Universidade e... que tem muito medo porque o irmão foi muito bom aluno, e ele teme não ser tão bom aluno. Ademais o irmão se casa e ele passa a viver só nesta casa, então fazemos a seguinte seqüência, que se imagine uma entrevista comigo em Janeiro de 76... Logo em Janeiro de 77 e logo que ele venha me visitar um dia depois de ter feito sua última matéria. Desta última creio que não há nada demasiado...disse:

A.: Na faculdade tenho medo de estar só, porque não conheço nada, mas creio que não serei como meu irmão que era um jovem estava todo dia estudando, tratarei de viver na universidade, e conhecer outras pessoas etc... Meus amigos irão estudar Agronomia e Veterinária, eu tentarei ser amigo deles, mas minha carreira é outra. Agora a decisão, agora a decisão é minha....

Quanto ao trabalho penso em trabalhar, irei seguir com meu trabalho, mas vou provar um mês se posso conciliar as duas coisas, se não eu vou pedir a meu tutor e a meu irmão que me ajudem economicamente para poder estudar bem até que encontre um trabalho afim com meus estudos.

A parte não quero separar-me da faculdade uma vez que termine, vou seguir fazendo cursos, vou tratar de ter uma monitoria dedicar-me à docência, pois gosto de ensinar.

LADO B FITA 7

O timbre este e eu o paguei. Este paguei com meu dinheiro. assim muito brevemente este caso é A.

Esta é a história de A., vamos descansar quantos minutos.

Magui: 15 minutos

B.: Tanto 14 minutos depois..

O que é Orientação Vocacional

Magui: (após intervalo) neste caso eu vou, de vez em quando interrompê-lo quando eu perceber que alguma palavra que vocês podem ter alguma confusão em traduzir aquela palavra, se vocês entenderam ótimo, desculpem a tradução, se não entenderam é para ajudar porque eu ouvi alguns pedidos agora e alguns comentários, e eu percebi distorções por tradução, então quando houver assim alguma palavra que é muito diferente, que talvez alguém tenha dificuldade eu vou interrompê-lo e vou traduzir.

Platéia: Olha não esqueça o problema dos aviões porque quando o avião passa é aí que a gente não entende.

Magui: Aqui? Este eu não posso fazer nada.

B.: Este é o problema de A.

Magui: este não dá para fazer nada.

B.: Me ocorre que este curso foi planejado com efeitos sonoros ligados ao caso, por isso passam aviões...

Magui: A minha onipotência não dá para resolver o problema dos aviões.

Platéia: Ele para um pouquinho depois ele continua assim que o avião passa

B.: Começo um pouco tarde, o que quero é resgatar um pouco a sensação caótica que quicá tenho deixado na aula anterior, porque intencionalmente eu queria

apresentar um caso completo sem entrar em detalhes dos por quês das concepções e das técnicas que eu empregava....

O que quero marcar agora são duas ou três distinções fundamentais:

A primeira: a que se diferencia entre escolha ocupacional ou escolha educacional e orientação vocacional.

Por escolha ocupacional ou educacional entendo um processo natural, normal nos seres humanos que constituem uma das chamadas crises vitais. Crise porque é uma oportunidade, onde se desestrutura e se reestrutura a identidade do sujeito. Crises, no geral dá idéia de algo mal que ocorre as pessoas, mas na realidade, esta é uma das conotações do termo. Porque crise, quiçá em espanhol a palavra agonia, é..., foi interessante recordar aqui, que significa tanto sofrimento como nascimento e neste sentido as crises, pelas quais atravessamos os seres humanos, são de dois tipos: acidentais ou vitais. A situação de escolha de uma carreira, de uma profissão, de uma especialidade dentro de uma carreira, constitui uma das crises vitais. Quer dizer uma agonia, um sofrimento, no qual a morte e nascimento de uma identidade que nunca é totalmente nova, totalmente diferente da anterior, mas jamais é idêntica. O. V. define um campo dos psicólogos, um campo de trabalho. Um campo que se caracteriza, em geral, por ser sumamente confuso quanto a seus limites. Porque abarca desde as dúvidas entre uma especialidade e outra quando egressos na universidade, até problema de seleção de “vecários” quando, “vecários”?

Magui: Bolsas de estudo

B.: Bolsas de estudo quando a vocação é um critério de discriminação a organização de alunos que ingressam na universidade, os que não têm dúvidas vocacionais. É dizer que tem limites bastante difusos que roçam os problemas de economia, de política educacional, de pedagogia, de psicologia, de psiquiatria, de psicopatologia, de sociologia, etc.

Neste sentido é um campo que no geral é assim caracterizado pelo empirismo, quer dizer por gente que se pôs a trabalhar e fazia o que podia. É relativamente recente o interesse em fundamentar estas práticas, em outras bases que não na pura experiência.

Por isso a Orientação Vocacional dá lugar para o empirismo, dá lugar para o ecléticismo, dá lugar para a confusão. Para mim o ecléticismo é em grande parte uma palavra má, depois vamos ver em que sentido de uma boa palavra. Empirismo também é uma palavra má, em grande parte, em todo caso quero distinguir que se pode ser amplo sem ser eclético, que se pode, ou deveria, ser heterodoxo, sem ser eclético. A diferença está entre ser plástico e ter uma salada na cabeça (risos).

Tampouco estou contra o empirismo se entendemos por empírico arregaçar as mangas e trabalhar sobre a realidade, mas se pode, se deve, trabalhar sobre a realidade, esta é a única maneira para que se trabalhe, senão não é trabalho, é especulação. Mas se deve trabalhar quando se pretende trabalhar, fazendo uso do privilégio que temos por haver podido chegar a ser cientistas sociais.

Com “Las manos en la massa”, como dizemos em espanhol, mas com a cabeça pensando o que estamos fazendo e porque, ou seja, que se deve ser prático, mas como dizem por aí, não há nada mais prático que contar com boas teorias. Lamentavelmente em Orientação Vocacional não há, até agora boas teorias disponíveis e o que estamos tratando de criar um marco referencia corrente, o mais científico possível.

Agora, o problema desta pessoa em crise vital que está atravessando um momento que pode e deve escolher, é uma encruzilhada, porque aí confluem uma série de variáveis, como temos visto neste caso, de muitos distintos tipos, de onde o

psicólogo deve diferenciar claramente qual a estratégia, qual é a tática e qual é a técnica que irá empregar em cada situação concreta que enfrenta.

Ser psicólogo clínico, sobre o psicólogo clínico, não significa nem trabalhar num consultório, nem trabalhar com gente doente, nem trabalhar em psicopatologia, nem trabalhar com um só indivíduo, ser psicólogo clínico é: ter a capacidade de discriminar, quais são as leis que determinam um campo determinado, único e irrepetível, e como instrumentar uma estratégia, uma tática, e uma técnica pertinente, às leis específicas deste campo único. Entenderam isto?

Ser psicólogo clínico não é fazer interpretações. Ser psicólogo clínico não é fazer psicanálise, ser psicólogo clínico não é saber onde está a doença de A. quando está saudável de A. Ser psicólogo clínico é ver quais são as leis que determinam a existência de A., e poder instrumentar uma estratégia, quer dizer, uma arte de por ordem nas coisas. Uma tática é uma forma de abordar este campo, uma técnica, ou técnicas, é dizer ações tendentes a dois objetivos: conhecer e modificá-lo. Com isto passo a outro capítulo, que é ser psicólogo para mim? Ser psicólogo não é saber, e ser psicólogo não é fazer, ser psicólogo, e sobretudo ser psicólogo clínico é fazer e poder conceituar aquilo que faz. Se a distorção leva à hipertrofia da teoria, então o conhecimento psicológico é um luxo, é ocioso. Não serve para nada, não tem ingerência na vida do ser humano. Se a hipertrofia vai para o lado da prática nos convertemos em “práticos”, quer dizer sabermos como ler um texto, como conduzir um grupo como dar informações, ou como mudar alguma coisa, mas não sabemos porque.

Portanto ser psicólogo clínico é poder encontrar os pontos de união, entre a conceitualização e a prática de tal modo que nossas idéias, ou nossas teorias aprendidas, se transformem confrontadas com a realidade e, segundo, que a realidade possa ser transformada em virtude da implementação de nossos conhecimentos.

Claro, dizê-lo é fácil, como fazê-lo não é tão fácil de dizer! Existem muitos inimigos contra isto, os perigos fundamentais quais são? A estereotipia pessoal, o medo do conhecimento, o medo das transformações. Fundamentalmente a defesa disso que queremos ser, que é nossa cédula de identidade, e que evitamos a todo preço por a risco frente a uma experiência nova.

Creio que ser um bom psicólogo clínico consiste em chegar alguma vez a poder ver cada situação como esta situação. A isto me refiro a descobrir quais são as leis do campo, deste campo e neste momento, ou seja, que vocês saiam deste curso aplicando a qualquer orientando, ou a qualquer cliente, o que eu fiz com A. vocês não aprenderam nada!

Ser psicólogo clínico é animar-se a ter imaginação, e animar-se, logo, a poder filtrar esta imaginação transbordante, quanto mais melhor, pelos trilhos da teoria, da meta-teoria, da epistemologia, da meta-meta-epistemologia, etc., etc., etc..

Se quisermos traçar um eixo teríamos no mais alto, ou no mais baixo, a meta-teoria, que da conta da validade ou não desta teoria

As técnicas, se respaldam nesta teoria, quer dizer, os instrumentos sobre os quais produzimos transformações na realidade.

A identidade do psicólogo, é a que instrumenta estas técnicas. Técnica de entrevista não se aprende num livro, não há nenhum livro que ensine técnica de entrevista. aprende-se de analisar os erros, das entrevistas que alguém faz, em última instância seu estilo pessoal.

Quando mais ou menos alguém pode circular de um plano ao outro, evita os erros de hipertrofiar cada um deles a hipertrofia desde é seu delírio, a onipotência.

A hipertrofia deste é o narcisismo

A hipertrofia deste é o tecnicismo, a tecnocracia e a estereotipia

A hipertrofia deste é a paralisia, saber, saber, saber, mas não pode transformar isto numa atividade transformadora.

Creio que em última instância

A hipertrofia deste é a alienação absoluta na realização. Aqui se trabalha a teoria sobre as pessoas, e não sobre teorias, sobre puras palavras.

Isto enquanto hipertrofia, quanto ao déficit de cada um desses, também poderíamos assinalar os erros mais típicos de nosso trabalho.

O que é ser um psicólogo clínico, poder instrumentalizar tudo isto, através do estilo pessoal para produzir simultaneamente 2 coisas: conhecimento, não há nenhum conhecimento válido que não surja da prática, mas não há conhecimento válido que só se sustente pela prática. O ponto de partida é este, em confronto com a realidade, mas senão respaldamos este na confrontação com a realidade não produz conhecimento. Isto está claro?

Segunda: transformação. Por isso a psicologia clínica é tão linda, ou pelo menos gosto tanto! Um campo onde convergem a possibilidade de transformar dentro dos limites possíveis às pessoas, aos seres humanos, e ao mesmo tempo produzir conhecimento sobre os seres humanos. Pelo menos a mim me agrada.

Nós teremos de discriminar no curso que fundamentação podemos obter da teoria. Já lhes antecipo, que os que conhecem o livro (a estratégia clínica) devem ter se dado conta de que se trata fundamentalmente de inspiração kleiniana, se bem que há alguns deslizes na psicanálise do ego americana, que eram as duas teorias, ou das duas concepções teóricas que este, imperavam no momento em que eu me formei em Buenos Aires, um ambiente determina também as concepções que se tem sobre a realidade.

Meu mestre foi Bleger. Bleger foi muito influenciado por ambas as correntes, assim como vemos claramente em A. como sua identidade profissional tem relação com seu pai, seu irmão, etc., nós temos de reconhecer que sua identidade profissional também tem relação com seus segundos pais, ou seus terceiros pais, professores, mestres, etc.

Creio que neste sentido há duas tarefas na vida: a primeira poder encontrar o mestre e a segunda poder matá-lo (risos). Assim se passa das identificações à identidade.

Quanto ao enquadre teórico vou trabalhar heterodoxamente com a psicanálise Freudiana-Kleiniana e a psicanálise americana. No plano das técnicas vocês já perceberam que está tudo por ser inventado, as semanas que nos dedicamos às técnicas eu vou aplicar técnicas com vocês, logo vamos discutir que fundamentações podem ter estas técnicas, e logo vocês terão de inventar técnicas. É muito fácil, trata-se de traduzir uma proposta diagnóstica, ou uma hipótese diagnóstica, numa proposta lúdica e isto é fácil, isto as crianças fazem! Bem nós não somos tão “vitais” como as crianças, mas temos de resgatar isto.

Da identidade do psicólogo e do “estilo” não irei me ocupar pois já falei bastante para se ocuparem vocês mesmos. O que queria é que escrevam 2 perguntas quaisquer, uma que terão de me entregar sem falta antes de saírem porque é a partir desta pergunta que irei organizar as aulas sucessivas. A outra pergunta, qualquer das duas, guardem-nas até o final do curso. No final do curso vocês irão respondê-la e vocês irão auto avaliar-se em função da resposta que derem.

Por favor não vão embora sem escreverem estas duas perguntas quaisquer que sejam mesmo sendo absurdas!

Qualquer pergunta.

Magui: Agora...

B.: Quero comentar somente uma coisa e com isto termino. É uma questão pessoal, 15 dias antes de viajar, um primo meu, do qual eu gostava muito, cometeu suicídio. Imaginem que isso trouxe uma comoção, uma crise familiar muito grande, quando ele estava mentalmente doente, a irmã é psicóloga, e uma de suas reações foi abandonar a psicologia por considerar que a psicologia não havia podido curar seu irmão e evitar a sua morte, portanto considerou que não servia. E a mãe, que é uma boa senhora e nada mais, disse-lhe que é ao contrário, que ela tinha de aprender era a não ser egoísta, o que entendia ela por ser egoísta? E ela disse que os psicólogos, psiquiatras e psicanalistas que não puderam curar Jorge foram psiquiatras, psicólogos e psicanalistas que não puderam ver Jorge, que entre Jorge e eles punham os livros. Você não tem de ser egoísta! Você tem de ver cada pessoa como uma pessoa. Então é um pouco como homenagem, porque me pareceu que é a melhor definição de psicologia clínica, e eu queria dedicar este curso a Jorge e recomendar-lhes isto, não ser egoístas, e neste sentido que disse minha tia Maria.

Vocês me perguntaram bem hoje, a aula de hoje foi cheia de morte porque do pai de A. até isto que eu comentei, Se nós trabalhamos com Orientação Vocacional tem relação com o futuro, todos sabemos, qual é nosso futuro! Mas já lhe disse que isto é uma espécie de postura filosófica, se negamos a morte não vamos gozar a vida, ou como dizia um analista uruguaio, “só sentir pena ensina o que vale a pena”. Então não neguemos os seres humanos pensemos que nosso trabalho em relação com seres humanos: sua vida e sua morte. Os que morrem fatalmente e os que nunca chegam a viver porque nós, muitas vezes, não sabemos como ajudá-los para que cheguem a viver.

Agora escrevam suas perguntas e seguimos amanhã.

B.: Uma pergunta vocês entregam

Platéia: Nós escrevemos o nome...

B.: Não, não, anonimo.

Magui: Você quer que eu repita a eles a explicação das perguntas?

B.: Sim, sim.

Magui: É para fazer duas, vocês guardam a que vocês quiserem até o fim do curso e entregam a que quiserem para ele. Todos fazem 2 perguntas uma vocês entregam para ele, ele vai montar o curso na base das perguntas que surgirem, e a outra vocês guardam ao acaso, até o final do curso.

Tempo.: Magui: vou fazer a minha, é claro.

Tempo. B.: As perguntas podem ser anônimas... Não se darão notas

B.: Até amanhã às 5

Platéia.: De preferência...